

Reflexões acerca da obra: Introdução às Ciências Humanas - análise de epistemologia histórica

Reflexiones sobre la obra: Introducción a las ciencias humanas: análisis de la epistemología histórica

Elaine Conte
Adilson Cristiano Habowski
Fernanda Roth da Costa
Universidade La Salle - UNISALLE
Canoas - Brasil

Resumo

Hilton Japiassu (2002), na obra *Introdução às Ciências humanas*, apresenta algumas questões epistemológicas colocadas pelas ciências humanas, propondo um exame crítico da sua historicidade. Para Japiassu, a epistemologia acompanha a *démarche* dos cientistas, constituindo-se numa certa relação com a história das ciências, defendendo que nenhuma teoria, qualquer que seja sua justificação, pode se julgar no direito de legitimar a dinâmica das ciências humanas, tampouco impor-lhes autoritariamente modelos de cientificidade. Sob esse ponto de vista, a redução das ciências humanas às da natureza pode entravar, padronizar e enquadrar o seu desenvolvimento, pois elas se fundam em outro tipo de inteligibilidade. Com o declínio da filosofia da natureza surge uma nova antropologia que abala as estruturas da árvore epistemológica, impactando na produção coletiva de conhecimentos em redes.

Palavras-chave: Ciências Humanas; Epistemologia; Historicidade.

Resumen

Hilton Japiassu (2002), en la obra *Introducción a las ciencias humanas*, presenta algunas cuestiones epistemológicas planteadas por las ciencias humanas, proponiendo un examen crítico de su historicidad. Para Japiassu, la epistemología acompaña a la *démarche* de los científicos, constituyendo una cierta relación con la historia de las ciencias, argumentando que ninguna teoría, cualquiera que sea su justificación, puede juzgarse en el derecho de legitimar la dinámica de las ciencias humanas, ni modelos autorizados de cientificidad. Desde este punto de vista, la reducción de las ciencias humanas a las de la naturaleza puede dificultar, estandarizar y enmarcar su desarrollo, ya que se basan en otro tipo de inteligibilidad. Con el declive de la filosofía de la naturaleza, surge una nueva antropología que sacude las estructuras del árbol epistemológico, impactando la producción colectiva de conocimiento en redes.

Palabras llave: Ciencias Humanas; Epistemología; Historicidad.

Resenha

Hilton Japiassu, na obra *Introdução às Ciências humanas*, publicada em 2002, apresenta algumas questões epistemológicas colocadas pelas ciências humanas, propondo um exame crítico da historicidade epistemológica. Hilton Japiassu (1934-2015) teve seu percurso acadêmico e profissional marcado por enfoques epistemológicos (epistemologias específica, particular e global), ganhando o *Prêmio Hilton Japiassu de Excelência em Pesquisa* (2014). No âmbito da sua formação, realizou cursos de Pós-Graduação em Filosofia pela *Université des Sciences Sociales* de Grenoble (1975), Pós-Doutorado em Filosofia pela *Université des Sciences Humaines* de Estrasburgo, na França (1985). Atuou como docente adjunto do departamento de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e escreveu diversos livros na área de epistemologia, o que levou a abertura de certas gaiolas epistemológicas da história das ciências humanas. Desse modo, mesmo que já tenham se passado quase 30 anos da publicação da obra, esta mantém o seu vigor ao colocar em xeque as ilhas epistemológicas, em suas ambiguidades, fragmentações e alienações científicas, aproximando o olhar para os debates interdisciplinares do conhecimento, provocando assim novas reflexões, desacomodando e fazendo pensar acerca de questões do sujeito epistemológico vivo às ciências humanas. O livro teve notável repercussão, sobretudo, às percepções e interpretações de bases epistemológicas, em sua natureza interdisciplinar, sendo muito presente até hoje em grupos de pesquisa e Programas de Pós-Graduação em Educação. Por isso, além desta resenha ser uma espécie de lembrança desta obra clássica, também instiga a atualização de experiências sócio-históricas, que podem ser recontextualizadas em pesquisas, contribuindo para os sujeitos da educação conhecerem de forma mais aprofundada o campo investigativo das epistemologias.

Para Japiassu, a epistemologia acompanha a *démarche* dos cientistas, constituindo-se numa certa relação com a história das ciências. Conforme argumenta o autor, nenhuma teoria, qualquer que seja sua justificação, pode se julgar no direito de legitimar a dinâmica das ciências humanas, tampouco de impor-lhes autoritariamente modelos de cientificidade. Sob esse ponto de vista, a redução das ciências humanas às da natureza pode entrar e enquadrar o seu desenvolvimento, pois elas se fundam em outro tipo de inteligibilidade. Com o declínio da filosofia da natureza (ontologista e deísta) e com ascensão de uma nova antropologia fica profundamente abalada a antiga metafísica do homem.

De acordo com Japiassu, pelo fato de serem ciências novas, pois nasceram da deposição do sujeito pensante no séc. XIX, as ciências humanas não possuem razão a priori para se deixarem moldar pelas representações passadas ou exteriores da cientificidade. As ciências humanas só são prestigiadas na medida em que podem ser captadas pela ideologia dominante e postas a serviço da gestão da ordem estabelecida. Em contrapartida, ao se recusarem a servir aos interesses de poder são excluídas e desarticuladas do campo do saber. Nesse sentido, recupera o pensamento de Bourdieu para exemplificar que os engenheiros sociais (sociólogos, economistas) têm por função fornecer uma racionalização do conhecimento prático (receitas), ou seja, apresentar respostas miraculosas às contradições da realidade social. Assim procedendo, depositam seus conhecimentos a serviço de um poder da ordem estabelecida, impedindo a visão científica do mundo enquanto cientistas sociais.

No entender de Japiassu, uma análise mais profunda do processo de constituição das ciências humanas ou de seu acesso à cientificidade pressupõe um estudo longo de todo o seu esforço para atingir a objetividade por meio da unificação dos saberes. Uma das consequências do ingresso das ciências do homem na era da positividade é a transição do entendimento clássico (da razão operante), eminentemente representativo e transparente, para o discurso científico contemporâneo em vias de perder sua transparência e de tornar-se opaco a si mesmo (cientificismo). Saint-Simon é o criador da expressão ciência do homem, vista pelo prisma de que com a indústria a sociedade adquire sua plena autonomia, numa dinâmica produtiva capaz de libertar os indivíduos das coerções e de permitir-lhes exprimirem sua afetividade e seus gostos. Com efeito, de acordo com Japiassu, Dilthey foi o primeiro teórico propriamente dito das ciências humanas que concebeu uma epistemologia autônoma dessas ciências, na perspectiva de que precisamos renunciar a fundar a ciência humana na metafísica ou em ilhas de racionalidade para fundá-la na história de uma interação entre os saberes.

Com a pretensão de compensar o dinamismo da emancipação individual por uma influência reguladora e disciplinar da realidade, cita Auguste Comte (1798-1857) que tem em mente combater uma individualidade duvidosa e insubordinada, a fim de instaurar uma concepção de sociedade na qual deve prevalecer apenas ordem e progresso. O progresso exige ordem e a ordem leva naturalmente ao progresso, mas passando de um tipo de

Resenha

ordem a outro. O primeiro tipo é teológico cuja ordem é imposta pelas instituições e pelos dogmas religiosos, prevalecendo os mitos e as ficções. Contudo, a crítica filosófica e as observações científicas levam a um segundo tipo de ordem, a metafísica, eficaz para destruir a construção teológica primitiva, mas ineficaz para inaugurar uma ordem estável. A essa fase negativa, sucede-se a do estado positivo (científico), a única capaz de submeter o espírito à realidade agora reconhecida e sistematizada.

As ciências humanas buscam inspiração e são pautadas pelos modelos de cientificidade das ciências naturais, cujos cânones metodológicos propõem-se a chegar a uma explicação objetiva do conhecimento, sem levar em conta os métodos de caráter interpretativos, contextuais ou compreensivos. Em contraposição a essa espécie de alienação físico-matemática, surge o tema da evolução de Darwin, que impõe ao domínio humano a ideia de regulação interna, ou seja, de uma finalidade irreduzível aos determinismos da superfície. A passagem do reino da opinião (doxa) ao domínio do conhecimento (episteme) exigia a adoção de uma inteligibilidade propriamente racional (a formalização matemática). O que propõe o modelo biológico de inteligibilidade é que a realidade humana seja situada num nível de emergência a ponto de que os fenômenos vitais possam adquirir o primado sobre os determinismos lógicos, físicos ou químicos. Com o fracasso do modelo naturalista é constituída uma fase singular do imenso movimento das ideias, o Iluminismo do século XVIII, que dá ênfase aos traços culturais, a saber, linguagem, contextos, experiência, sociedade e instituições. A humanidade, enfim, acende à razão, em virtude de uma lei de progresso. Não constitui uma espécie animal, mas uma ideia histórica, uma vocação para a civilização, que surgiu a partir da reflexão sobre os progressos do espírito humano no decorrer dos tempos e sobre o significado da Revolução Francesa.

O historicismo epistemológico recusa-se a ser uma concepção do mundo, pois opta pelos métodos compreensivos, cujo objetivo consiste em revelar ou evidenciar a realidade humana em seu conjunto. Assim, todas as ciências humanas passam pelo caminho da estilização histórico-cultural. Cada epistemologia fornece uma decifração do real e uma linguagem que não é exclusiva, unitária e objetivada das demais. Ora, como se pode notar, a impossibilidade mesma de uma ciência do homem conduz a démarche científica que é, ao mesmo tempo, reflexiva e prospectiva. Todavia, a elaboração dos critérios de validade e dos métodos de pesquisa são imanentes ao desenvolvimento mesmo do saber científico.

Nessa perspectiva, o surgimento das ciências humanas coincide com aquilo que se convencionou denominar a crise da ciência que culminou numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico. Nesse ponto, Japiassu defende que a questão da cientificidade das ciências humanas estaria comprometida desde a origem pela imaturidade e incapacidade de atingir a exatidão, como as ciências físico-biológicas. As posições sobre a demarcação das fronteiras das epistemologias humanas, do ponto de vista histórico e metodológico, ainda entram em conflito, primeiramente, porque as ciências humanas ficariam ligadas ao momento histórico da dominação da natureza pelo homem (humanização da natureza). Numa segunda posição, as ciências humanas ficariam ligadas ao momento histórico da redução do homem ao natural (objetificação do homem) e seu objeto seria limitado porque estudado em sua processualidade (produto da história humana). Outro problema epistemológico colocado pelo autor implica em se colocar a questão da neutralidade dos cientistas relativamente aos juízos de valor e aos engajamentos pessoais nas pesquisas. A preocupação está no exame da objetividade, reivindicação por excelência de toda disciplina com pretensões à cientificidade, que está nos chamados pressupostos das ciências humanas (ideias, critérios e princípios) que são empregados em processos de realização.

A dificuldade das ciências humanas em se submeter a procedimentos rigorosos de objetivação está no fato da impossibilidade de exclusão das inevitáveis referências às motivações, aos objetivos, valores e mais recentemente aos fluxos digitais. Nesse contexto, a cientificidade é apenas uma ideia reguladora, uma representação daquilo que constitui o conhecimento científico em dado momento histórico, não um modelo apriorístico de cientificidade. A noção de compreensão teve por objetivo não excluir ou menosprezar a explicação causal, mas corrigir as concepções demasiado rígidas de uma causalidade determinista, visto que os teóricos veem de forma complementar a interpretação causal e a interpretação compreensiva. Contudo, o advento das ciências humanas vem fundar, do ponto de vista epistemológico, a impossibilidade de um discurso isento de intencionalidade do saber.

Japiassu defende que a ciência consiste numa ruptura, visto constituir um processo histórico dependendo, não apenas do ser, mas do devir, razão pela qual não se pode recusar às ciências humanas o direito que conquistaram à existência e à legitimidade. As ciências

Resenha

humanas como estratégias de ação se convertem em verdadeiras praxeologias, ou seja, num conjunto de equipamentos técnico-metodológicos, tendo em vista intervir e transformar os horizontes do agir humano e de seus múltiplos comportamentos socioculturais. Nessa perspectiva, o problema epistemológico que se coloca é o da racionalidade ou irracionalidade das condutas ou das ações humanas. Em outras palavras, a ciência é entendida como um plano projetado pelo sujeito, mas que, ao mesmo tempo, força o cientista a decidir entre se tornar escravo do próprio plano ou permanecer senhor dele, pois a sua existência científica é devota ao planejamento, ao cálculo e à exploração de todos os elementos que aparecem e apreendemos por interação com o mundo.

Nesse contexto, Habermas classifica as interações entre as ciências e a sociedade em três grupos: as interações tecnocráticas, as interações decisionistas e as interações pragmático-políticas. No modelo tecnocrático, as decisões cabem aos experts, aos especialistas das ciências e das técnicas. No modelo decisionista, há uma distinção entre os decisores (determinam os fins) e os técnicos (determinam os meios). Já no modelo pragmático-político, há uma incessante negociação entre os cientistas e os responsáveis pelas tomadas de decisões políticas (os não-técnicos). Tudo indica que há uma rede de conexões sociais em desenvolvimento, onde atuam forças imprevistas que operam novos sentidos do social, no contexto da produção capitalista, da sociedade de informação, do fenômeno da globalização e da ressignificação das relações sociais, a partir de novas formas de comunicação.

Sob a ótica de Japiassu, o grande risco é que a interdisciplinaridade seja dominada pela perspectiva tecnocrática, na medida em que as decisões passem a depender das negociações entre especialistas. Tornou-se famosa a crítica que, no século passado, Marx fez à filosofia - até hoje, os filósofos se limitaram a interpretar o mundo; doravante, trata-se de transformá-lo. Porém, o fato é que a transformação do mundo hoje é tão rápida que exige uma posição crítica frente à vida moderna para produzir sentido interdisciplinar para as questões existentes, abrindo espaço para despertar potencialidades de reinterpretação e religação de saberes compartimentados. Ao invés de acrescentar uma ação à cegueira do mundo especializado, talvez tenha chegado o momento repensar o conhecimento interdisciplinar que recusa o domínio pelo saber e o caráter territorial do poder pelo processo vivo de descoberta, que só é possível nas interações comunicativas presenciais entre os humanos aprendentes e interpretantes.

A tarefa principal de toda ciência é fazer uma leitura crítica da sociedade no nível da prática cotidiana, de modo a repensar a condição da vida humana e social, bem como criar diálogos reflexivos para transformar o saber da experiência vivida em um saber compreendido globalmente. As práticas científicas exigem de todos os envolvidos a elaboração de um discurso crítico da realidade, não individualizado, para que os cientistas possam descobrir como e até onde seria possível pensar sobre algo no mundo de outra forma. De acordo com Japiassu, a enorme produção de métodos e técnicas para garantir a objetividade das pesquisas faz apelo à neutralidade dos cientistas, que aparece sob a forma de uma ideologia sistêmica. Assim, o dogma da racionalidade científica e da neutralidade axiológica não passam de miragens mantidas a serviço de escolhas políticas e ideológicas, tendo em vista a tomada de decisões que respondam às exigências das relações sociais. Não passam de mistificações, pois hipnotizam o olhar crítico, como se os conflitos reais, as contradições humanas e as contingências do conhecimento pudessem adquirir um estatuto apenas residual de natureza racional e objetiva. Portanto, tudo indica que a pretensa científicidade das ciências humanas é proporcional à sua des-humanidade, pois na medida em que pretendem estudar um homem que, através da episteme moderna, tornou-se objeto de investigação científica, tornaram-se inconscientemente instrumentalizáveis da constituição dialógica e crítica.

Passados quase 30 anos da publicação da obra, esta referência tem contribuído significativamente para alavancar verdadeiras trocas de informação e críticas acerca das questões epistemológicas colocadas pelas ciências humanas. Ora, uma das grandes ameaças ao desenvolvimento científico das ciências humanas é o metodologismo, que induz uma distorção científica, pois concebe o método por ele mesmo (descrição do caso em si). O próprio autor destaca que para falar do mundo humano social, pode-se utilizar tanto a linguagem cotidiana e prática (código restrito - fala do como das coisas, interesse técnico) como a linguagem que tenta ultrapassar o cotidiano (código elaborado - diz algo do porquê e do sentido, interesse hermenêutico). A relação com o saber epistemológico na obra permanece atual e traz para o campo das pesquisas interdisciplinares a ciência, pois é uma atividade social, crítica que compreende a ambiguidade e as contradições da humanidade que, nesse caso, não é unificada, mas é intrinsecamente complexa e conflituosa e se relaciona a forças sociais subjacentes. As formas como se desenrola esse desafio das

Resenha

ciências humanas e se vivem essas contradições são relacionadas com o contexto social e cultural. Vivemos na sociedade contemporânea profundas mudanças do saber entre projetos e interesses diferentes, de conexão entre experiências comunicativas presenciais e virtuais hipercomplexas. As dimensões epistemológicas da natureza interdisciplinar do conhecimento, desveladas por Japiassu, provocam debates atuais sobre as realidades virtuais, muitas vezes dissociadas e desconectadas da vida investigativa, em função de uma enganação pela informação, que pode recair no vazio que neutraliza o trabalho interativo, compreensivo e divergente do conhecimento, a uma espécie de interdição da fala do outro. Parece que somos ameaçados em culturas narcisistas de tecnopresença de alienação científica e acabamos reduzindo toda diferença epistemológica do conhecimento interdisciplinar a algoritmos. Os sentidos vitais do saber humano só experimenta a interdisciplinaridade com propostas de recontextualização pela cooperação e diversidade das interpretações associadas à realidade ou quando reclama um pluralismo de perspectivas que leva ao deslocamento do olhar em cenários sócio-históricos e culturais. Essa obra nos ajuda a recontextualizar as epistemologias em novas proporções reais, repercutindo na produção coletiva de conhecimentos em redes educativas, para além da metáfora de uma árvore epistemológica padronizada e que gerou, historicamente, gaiolas de saberes disciplinares e exclusões.

Referência

JAPIASSU, Hilton. **Introdução às Ciências Humanas - análise de epistemologia histórica**. São Paulo: Letras & Letras, 2002.

Sobre os Autores

Elaine Conte

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Educação e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE). Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Educação e Formação de Professores - GEFFOP/CNPq. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0204-0757>

Adilson Cristiano Habowski

Mestre e doutorando em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE, Canoas/RS). Bolsista da CAPES e membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/UNILASALLE/CNPq.

E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5378-7981>

Fernanda Roth da Costa

Professora do Colégio Luterano Concórdia em São Leopoldo/RS e Mestranda em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE/Canoas/RS). É membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/ CNPq.

E-mail: fernandarothdacosta@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5219-0772>

Recebido em: 13/02/2021

Aceito para publicação em: 03/03/2021